

**TURISMO INDÍGENA,  
SABERES TRADICIONAIS E  
INOVAÇÃO  
SOCIOCULTURAL: ESTUDO  
COMPARATIVO DE  
PRÁTICAS E  
CONTRIBUIÇÕES PARA A  
ASSOCIAÇÃO WAGÔH  
PAKOB**

**INDIGENOUS TOURISM, TRADITIONAL KNOWLEDGE, AND  
SOCIOCULTURAL INNOVATION: A COMPARATIVE STUDY OF PRACTICES  
AND CONTRIBUTIONS TO THE WAGÔH PAKOB ASSOCIATION**

Ciências Sociais Aplicadas • 26/04/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/777136675](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/777136675)

---

Indira Pamaxona Suruí

Daiane Martins Rocha

---

## RESUMO

Este artigo analisa práticas de turismo em territórios indígenas no Brasil, com ênfase nos saberes tradicionais e em seus potenciais de inovação sociocultural, visando identificar contribuições aplicáveis à Associação *Wagôh Pakob*, localizada na Terra Indígena Sete de Setembro, em Cacoal (RO). A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de natureza descritivo-analítica, com abordagem qualitativa e utilização do método comparativo. Para a coleta de dados, foram selecionados estudos disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES que abordam experiências de turismo indígena em diferentes contextos brasileiros, sendo os dados examinados por meio de análise de conteúdo. Os resultados evidenciam que diversas práticas desenvolvidas por outras etnias, como trilhas interpretativas, oficinas de artesanato, atividades educativas, experiências culinárias e ações de educação ambiental, podem ser adaptadas ao contexto da Associação *Wagôh Pakob*, contribuindo tanto para a geração de renda quanto para o fortalecimento e a transmissão de saberes tradicionais. Destaca-se, ainda, o papel do turismo como estratégia de valorização cultural e de formação intercultural, configurando-se como espaço de inovação sociocultural ao articular tradição, sustentabilidade e protagonismo indígena. Contudo, identificam-se desafios relacionados à capacitação técnica, à elaboração de projetos e à articulação com parceiros institucionais. Conclui-se que o turismo indígena, quando orientado por princípios comunitários e sustentáveis, pode constituir uma importante ferramenta de desenvolvimento local e preservação cultural.

**Palavras-chave:** Turismo indígena; Saberes tradicionais; Inovação sociocultural; Processos educativos; Sustentabilidade; Desenvolvimento local.

## **ABSTRACT**

This article analyzes tourism practices in indigenous territories in Brazil, with an emphasis on traditional knowledge and its potential for sociocultural innovation, aiming to identify applicable contributions to the Wagôh Pakob Association, located in the Sete de Setembro Indigenous Land, in Cacoal (RO). The research is characterized as bibliographic, descriptive-analytical in nature, with a qualitative approach and the use of the comparative method. For data collection, studies available on the CAPES Periodicals Portal that address indigenous tourism experiences in different Brazilian contexts were selected, and the data were examined through content analysis. The results show that several practices developed by other ethnic groups, such as interpretive trails, craft workshops, educational activities, culinary experiences, and environmental education actions, can be adapted to the context of the Wagôh Pakob Association, contributing both to income generation and to the strengthening and transmission of traditional knowledge. Furthermore, the role of tourism as a strategy for cultural enhancement and intercultural education stands out, configuring itself as a space for sociocultural innovation by articulating tradition, sustainability, and indigenous protagonism. However, challenges related to technical training, project development, and articulation with institutional partners are identified. It is concluded that indigenous tourism, when guided by community and sustainable principles, can constitute an important tool for local development and cultural preservation.

**Keywords:** Indigenous tourism; Traditional knowledge; Sociocultural innovation; Educational processes; Sustainability; Local development.

## **1. INTRODUÇÃO**

A relação entre turismo, saberes tradicionais e processos de inovação sociocultural tem se consolidado como um campo relevante de investigação nas Ciências Humanas e Sociais, especialmente no contexto de comunidades indígenas que buscam alternativas sustentáveis de geração de renda e fortalecimento cultural. No Brasil, diferentes povos indígenas têm desenvolvido práticas de turismo que articulam valorização identitária, preservação ambiental e transmissão de conhecimentos ancestrais, configurando experiências que extrapolam a dimensão econômica e se inserem também no campo educativo e sociocultural.

No caso do povo Paiter Suruí, localizado na Terra Indígena Sete de Setembro, em Rondônia, essas questões assumem centralidade diante das transformações históricas decorrentes do contato com a sociedade não indígena. Tais mudanças impactaram significativamente o modo de vida tradicional, gerando a necessidade de construção de estratégias que possibilitem a preservação cultural e a sustentabilidade do território. Nesse contexto, iniciativas como a Associação Wagôh Pakob emergem como espaços de resistência, produção de conhecimento e fortalecimento identitário, articulando práticas culturais, educativas e turísticas.

O turismo indígena, quando conduzido de forma autônoma e comunitária, pode constituir-se como uma estratégia de inovação sociocultural, ao promover a reconfiguração de práticas tradicionais em diálogo com novos contextos sociais, econômicos e institucionais. Além disso, essas experiências frequentemente incorporam dimensões educativas, tanto no que se refere à transmissão intergeracional de saberes quanto à formação

intercultural dos visitantes, contribuindo para a valorização das culturas indígenas e para a desconstrução de estereótipos.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar práticas de turismo em territórios indígenas no Brasil, a partir de um estudo comparativo de experiências desenvolvidas por diferentes etnias, com vistas a identificar ações que possam ser adaptadas e aplicadas no contexto da Associação Wagôh Pakob. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de natureza descritivo-analítica e abordagem qualitativa, utilizando a análise de conteúdo como técnica de interpretação dos dados.

Ao propor esse diálogo entre diferentes experiências, o estudo busca contribuir para a reflexão sobre o turismo indígena como prática de inovação sociocultural, destacando seu potencial como ferramenta de desenvolvimento local, preservação cultural e fortalecimento dos saberes tradicionais no contexto amazônico.

## **2. ASPECTOS HISTÓRICOS DO POVO PAITER E SUAS AÇÕES DE TURISMO**

Os Paiter, conhecidos como Suruí, de Rondônia, autodenominados *Paiter Iter* (Povo Verdadeiro ou nós mesmo), constituem uma população de aproximadamente 1375 mil pessoas Instituto Socioambiental (ISA, 2014), que falam uma língua do tronco Tupi e família Mondé. Atualmente vivem na Terra Indígena Sete de Setembro, em um território de aproximadamente 248,147 mil hectares, localizado no sudeste de Rondônia e noroeste de Mato Grosso (Instituto Socioambiental, 2014), demarcada e reconhecida pelo governo federal.

A FUNAI contatou-se com a expedição oficial, chefiada pelo sertanista Francisco Meirelles, em Sete de Setembro 1969, na ocasião em que se verificava o início da violenta migração humana oriunda do sul do país para Rondônia, em busca de terras e melhores condições de sobrevivência e vida, com estímulo do Governo Federal, através do Incra.

Durante esse período, grande parte de seu território foi invadida e conseguiram retomá-lo parcial e definitivamente apenas em 1983, à custa de muitos confrontos com o governo e os próprios colonos, o que causou uma grande mudança cultural e social para o povo Paiter. Além disso, fora dos limites do território retomado, ficaram reservas de matéria-prima que constituíam a base para a confecção de artefatos de sua cultura material, como a taquara, tradicionalmente utilizada para a confecção de suas flechas no cotidiano. Por outro lado, ficaram no interior desses limites os cafezais dos colonos invasores que, herdados pelos Paiter, constituíram a primeira experiência mercantil do grupo. Com estímulo da Funai, dividiram o grupo que antes vivia em grandes malocas instaladas em um mesmo local, em 10 aldeias localizadas nas proximidades dos cafezais e nos finais das estradas coletoras (linhas) do projeto de colonização. Logo, o processo de degradação física e cultural ganhou um rumo rápido, em função da grande proximidade com a população sulista migrante e com os núcleos populacionais que cresciam rapidamente em Rondônia, como Cacoal e Espigão D'Oeste.

Dito a essas mudanças rápidas, na década de 80 o povo Paiter estava criando a primeira associação em nome do Povo Paiter Suruí a “Associação Metareilá”, com a ideia de preservação, fortalecimento cultural e valorização da identidade do povo.

A formação de associações como a Associação Metareilá geralmente reflete um desejo de autodeterminação e preservação cultural. Além do início, tem tentado buscar proteger os direitos territoriais, promover a educação cultural, preservar línguas nativas e manter práticas tradicionais. Logo, surgiram outras associações na Terra Indígena Sete de setembro em prol da defesa dos direitos, território, meio ambiente, cultura e o modo de vida na atualidade (Metareilá).

A seguir, serão apresentadas algumas associações indígenas do povo Paiter, através das quais se promove conscientização e mudanças para sustentabilidade do território, além de conservar viva sua própria história, sabedoria e resistência.

### **3. ASSOCIAÇÕES E OUTRAS INICIATIVAS DO POVO PAITER**

#### **3.1. Museu Indígena Paiter a Soe**

Preocupados com as perdas culturais sofridas durante os 54 anos de contato com os não indígenas, os Paiter Suruí criaram o Museu *Paiter A Soe* (coisas de Paiter), na linha 14. O museu foi inaugurado no dia 19 de julho de 2016, na aldeia Gapgir, localizada na Terra Indígena Sete de Setembro, em Cacoal, Rondônia. O projeto foi idealizado pelos indígenas e construído com apoio da Associação *Gabgirey*, da Funai, por meio da Coordenação Regional de Cacoal; da Rede Indígena de Memória e Museologia, e da Coordenação Regional de Educação de Cacoal, e o responsável pelo projeto é o professor Luiz Wymilawa Suruí.

O Museu leva a comunidade a refletir sobre a relação do modo de vida passado e presente, as principais mudanças ocorridas, buscando alternativas de sobrevivência sociocultural. É um lugar que possibilita a mostrar o trabalho (artefatos e artesanatos), contar

nossas histórias e interagir de forma positiva com a sociedade envolvente, desmistificando preconceitos e divulgando o patrimônio cultural.

### **3.2. Centro de Medicina Tradicional Olawatawah**

O centro de medicina Tradicional *Olawatawah*, é um projeto criado em 2015 pelo Narayamat Suruí. O centro de medicina tradicional está localizado na linha 09 na terra indígena Sete de Setembro. A criação do Centro *Olawatawa* surgiu de uma necessidade, além de uma estratégia na busca pela saúde do povo Paiter, é uma importante forma de preservar o conhecimento indígena. Este Centro foi criado a partir da necessidade de utilização de plantas medicinais, conhecimento que vem de gerações passadas e que o povo possa usar para sobrevivência, pensando nas gerações futuras.

### **3.3. Yabnaby – Turismo Indígena**

O *Yabnaby* é um espaço turístico na aldeia Lapetanha, localizada na linha 11, em Cacoal (RO), criado por Xener Suruí.

O objetivo do *Yabnaby* é buscar as pessoas que tem afinidade e interesse de criar desenvolvimento sustentável na região da Amazônia. O *Yabnaby* ainda está processo de estruturação, todos os funcionários são moradores da aldeia.

## **4. O TRABALHO REALIZADO PELO CENTRO CULTURAL INDÍGENA PAITER WAGÔH PAKOB**

A iniciativa Centro Cultural Indígena Paiter *Wagôh Pakob* está situada na aldeia Paiter Linha 09, no município de Cacoal, em Rondônia, na Terra indígena Sete de Setembro. O projeto cultural foi

idealizado pelos indígenas locais e construído com apoio da Funai, por meio da Coordenação Regional de Cacoal. O centro cultural *Wagôh Pakob* é iniciativa criada em 2015 pelo coordenador do centro, Gasodá Suruí e seus irmãos, com consentimento da comunidade da Aldeia Paiter - linha 09, com intuito para servir como um espaço de recepção e convívio social, logo contribuindo para o resgate e valorização da cultura de nosso povo "*Paiterey*", que começou a sofrer mudanças em maior parte negativamente devido ao contato com a sociedade não indígena ao longo de 54 anos. A preocupação surge pelo fato de que os mais idosos são poucos e tendem a diminuir a cada ano, sendo que eles que detêm o conhecimento - e precisam transmitir isso aos jovens, tendo em vista a importância de serem referências culturais, sociais e políticas do povo Paiter Suruí.

O Centro Cultural Indígena Paiter *Wagôh Pakob* foi inaugurado no dia 22 de novembro de 2015, e esse nome dado significa "força da floresta" em Tupi mondé, o idioma falado pelo povo Paiter. Hoje, atua no fortalecimento, a valorização e preservação da cultura tradicional Paiter, como também serve de espaço para realização de intercâmbio entre povos indígenas e os povos da floresta, além de contribuir ao fortalecimento da formação de política ambiental e sociocultural das novas gerações, resgatando e adaptando saberes tradicionais e valorizando as práticas culturais associadas à conservação da natureza. A cultura indígena é uma característica inerente ao povo, compreendida como um patrimônio coletivo para a nação desde sua ancestralidade. Para povo Paiter Suruí não é diferente, a cultura é reconhecido e é indispensável na vida do povo, tanto para a organização social quanto para a sobrevivência (*Wagôh Pakob*, 2015). Por isso, precisa ser repassado de geração a geração para que as futuras gerações possam adquirir esse conhecimento de

forma a assegurar a continuidade de sua identidade ancestral mesmo com as influências externas através do centro cultural *Wagôh Pakob* (Wagôh Pakob, 2015).

As associações visam fortalecer e desenvolver as comunidades locais. Assim, o centro cultural *Wagôh Pakob* atua para estabelecer uma nova forma de repassar, mediante uma metodologia própria, conhecimentos sobre a cultura, uso de recursos naturais para produção de artesanatos e alimentos, dentre outros, e buscando manter a cultura e promover geração de renda através do etnoturismo, sempre valorizando a sustentabilidade socioambiental para futura segurança e bem-estar humano (Figura 1).

Dessa forma, desde o início do contato se buscava novas estratégias em grande parte das questões que dizem respeito à resiliência para manter o modo de vida tradicional da sociedade indígena Paiter e assegurar o território, experimentando e descobrindo caminhos para atender às necessidades e demandas, preparando, nesse processo, uma organização mais estruturada para atender às futuras demandas de forma integral, autônoma e sustentável.

**Figura 1:** Práticas tradicionais e fortalecimento da cultura Paiter no Centro Cultural *Wagôh Pakob*



**Foto:** Fabrício Gatagon Suruí, 2023

#### **4.1. O Turismo Indígena Wagôh Pakob**

O turismo *Wagôh Pakob* é uma subcategoria que está dentro do centro cultural que se dedica exclusivamente ao turismo indígena Paiter Suruí. A equipe responsável pelo centro cultural *Wagôh Pakob* desenvolveu uma estratégia de turismo Paiter com intuito de promover e divulgar a cultura em diversos aspectos para a sociedade em geral, sobretudo a iniciativa estimula jovens a dotar práticas tradicionais ao longo do tempo, incluindo a preservação ambiental e a exposição de variedade de artesanatos fomentando a economia local. A estratégia permitiu, como esperado, que o número de turistas, estudantes, órgão governamental e não governamental, sobretudo a sociedade civil possa conhecê-la especificamente a cultura do povo Paiter Suruí (Figura 2).

**Figura 2:** Coordenador do centro cultural apresentando as atividades desenvolvidas ao governo estadual e turistas locais



**Foto:** Fabrício Gatagon Suruí, 2023.

Ao longo do tempo de experiências, o espaço tem demonstrado o seu potencial para nossa equipe, fomentando a economia local, gerando a renda da comunidade e também para o município por meio de turistas de diferentes locais, regiões e países que vêm de longe para conhecer a cultura unicamente do povo na aldeia Paiter linha – 09 na terra indígena Sete de Setembro (Figura 3 e 4).

**Figura 3:** Turistas da região fazem trilhas no centro cultural *Wagôh Pakob*



**Foto:** Fabrício Gatgon Suruí, 2023.

**Figura 4:** Feira de artesanato no centro cultural para turistas



**Foto:** Fabrício Gatagon Suruí.

Contudo, apesar da opção do etnoturismo ter sido buscada pela associação *Wagôh Pakob*, para divulgação da cultura e para geração de renda, essas ações ainda não têm proporcionado a geração de renda esperada, visto que são intermediadas por agências de turismo e outros parceiros. Nesse contexto, faz-se imprescindível a distinção entre o etnoturismo, como tem sido feito pela associação, e o turismo indígena, que será estudado a partir de ações realizadas por outras etnias brasileiras.

## **5. O TURISMO EM ÁREAS INDÍGENAS**

O turismo em áreas indígenas, tem sido regido pela Instrução Normativa N° 03, de 11 de junho de 2015, prevendo a participação e autonomia indígenas como elementos fundamentais para a regulamentação das atividades turísticas nas comunidades. Para que essas atividades ocorram, é necessário que seja elaborado, enquanto plano de gestão de seus territórios, o Plano de visitação, que envolve, além dos indígenas, a organização e administração das visitas na aldeia e deve ser aprovado pela equipe técnica da FUNAI (Rosa; Rosa; Nassar, 2020). Segundo Rosa; Rosa e Nassar (2020, p. 382):

*[...] no âmbito de uma política pública e de um sistema de governança territorial e ambiental, entende-se que a Normativa emerge com a finalidade de mitigar e inibir práticas abusivas e ilegais nos territórios indígenas e, nessa perspectiva, opera como instrumento de desenvolvimento local, que em consonância com outros aparatos legais precedentes, orienta que as ações turísticas sejam de base comunitária e sustentável.*

As atividades de turismo em terras indígenas precisam ser feitas de acordo com as normas de visitação da Instrução normativa, sendo a FUNAI o órgão responsável por esse controle, “visando fortalecer as ações de desenvolvimento sustentável, bem como as ações de proteção territorial e ambiental das terras indígenas” [...] ((Rosa; Rosa; Nassar, 2020, p.3). Portanto, não deve haver qualquer forma de atividade turísticas em terras indígenas sem um Plano de Visitação.

### **5.1. Normas e Diretrizes para as Atividades de Visitação com Fins Turísticos em Terras Indígenas**

O plano de Instrução Normativa nº 003/2015/PRES/FUNAI, estabelece normas e diretrizes para as atividades de visitação com fins turísticos em Terras Indígenas (Brasil, 2015) deixando a cargo da Funai exercer o poder de polícia nas terras indígenas e nas matérias pertinentes à proteção desses povos.

A instrução exige que qualquer atividade de visitação para fins turísticos em terras indígenas seja feita somente após a provação de

um Plano de Visitação, apresentado por indígenas, suas comunidades ou suas organizações à FUNAI. Poderão ser convidados parceiros públicos ou privados de seu interesse para elaboração e execução dos Planos de Visitação, respeitada a autonomia e os direitos dos povos indígenas, considerando, ainda, o usufruto exclusivo sobre as terras que tradicionalmente ocupam e os recursos naturais nelas existentes (Brasil, 2015).

A instrução traz algumas normas que regulamentam o comportamento permitido aos visitantes:

*Art. 19º. É vedado ao visitante.*

*I - Portar armas de fogo e outras armas brancas;*

*II - Consumir bebidas alcoólicas e substâncias entorpecentes;*

*III - Praticar atos que atentem contra a moral e os bons costumes;*

*IV- Interferir nas atividades culturais e religiosas das comunidades indígenas;*

*V- Retirar qualquer recurso natural da Terra Indígena sem a devida autorização;*

*VI - Fotografar ou filmar pessoas, eventos e/ou locais considerados sagrados pelas comunidades indígenas sem a devida autorização;*

*VII – Desrespeitar as normas e costumes das comunidades indígenas.*

*Art. 20. Os visitantes e parceiros deverão portar os seguintes documentos quando do ingresso em terras indígenas:*

*Art. 1º Os visitantes e parceiros estrangeiros deverão portar também a documentação comprobatória de regularidade de permanência em território brasileiro, conforme legislação em vigor.*

Por sua vez, o artigo 5º da IN 003/15 estabelece que o plano de visitação contemple os seguintes elementos:

- a) *Objetivos e justificativas da proposta de visitação;*
- b) *público alvo, frequência de visitas previstas, quantidade máxima de visitantes por visita e previsão de tempo de duração por visitas;*
- c) *distribuição das competências na comunidade levando em conta aspectos sociais, geracionais e de gênero;*
- d) *parceiros envolvidos, responsabilidade e atribuições;*
- e) *descrição das atividades propostas aos visitantes;*
- f) *delimitação do roteiro objeto das atividades de visitação, constando mapa ou croqui;*
- g) *condições de transporte, hospedagem, alimentação e atividades correlatas à visitação oferecidas pelo proponente aos visitantes, assim como quaisquer riscos ou eventualidades inerentes a essas condições;*
- h) *plano de negócios simplificado, contendo custos previstos para operação, manutenção e monitoramento da visitação e atividades correlatas, assim como previsão de receita, lucro e investimento, visando à continuidade da atividade;*
- i) *estratégia de atendimento de primeiros socorros;*

*j) manual de conduta e boas práticas, para visitantes e para a comunidade;*

*k) estratégia para impedir a entrada de bebidas e drogas nas comunidades indígenas e outros ilícitos;*

*l) estratégia de gestão de resíduos sólidos;*

*m) estratégia de monitoramento da atividade de visitação;*

*n) estratégia de capacitação dos proponentes (Brasil, 2015).*

O turismo em áreas indígenas pode ser realizado nos seguintes formatos: etnoturismo; turismo indígena e ecoturismo, como explicitado a seguir

## **5.2. Enoturismo Indígena**

O turismo em áreas indígenas pode ocorrer de diversas formas. Uma delas é o etnoturismo indígena, que se relaciona com a cultura local e pode ser considerado também como uma forma de turismo alternativo, pois se difere do turismo de massa (Nogueira, 2013).

*A principal ideia do etnoturismo é aproveitar o potencial turístico e divulgar a importância e a necessidade de conservação do ambiente, tanto em relação ao patrimônio natural quanto ao cultural e tradicional. [...] etnoturismo é um tipo de turismo cultural que utiliza como atrativo a identidade, a cultura de um determinado grupo étnico (Nogueira, 2013, p. 125, grifo nosso).*

Para o etnoturismo ocorrer de forma equilibrada é importante que os visitantes sejam avisados acerca de costumes locais, celebrações religiosas e hábitos em geral a fim de evitar problemas com a população local. Além disso, essa prática deve levar em conta as bases legais, e a preservação do meio ambiente (Nogueira, 2013).

Contudo, é necessário compreender que o etnoturismo reproduz as explorações do mercado, visto que é realizado de forma vertical, ou seja, *peças externas às comunidades indígenas que exploram esse tipo de turismo* (Proença; Panosso Neto, 2022, grifo nosso).

### **5.3. Turismo Indígena e Ecoturismo Indígena**

Diferentemente do etnoturismo, o turismo indígena posiciona os indígenas como agentes, e não como objetos do turismo (Pereiro, 2014). Por outro lado, Edward Bruner (2004. p.15) definiu o turismo indígena em forma de “um enmascaramento das vidas dos indígenas para parecerem mais atrativos aos olhos do visitante e assim satisfazer melhor as expectativas do turista”. Sendo assim, para o autor, o turismo indígena acabaria não mostrando a realidade

cotidiana da população indígena. Contudo, essa preparação para receber os visitantes é também uma forma de manter a cultura viva, sobretudo entre os jovens, através de exposição de suas danças, artesanatos, pinturas corporais etc.

A diferença entre 'turismo indígena' e turismo 'étnico', é que o primeiro teria suas bases na terra e na identidade cultural do grupo, controlado por ele; enquanto o segundo se referiria ao marketing das atrações turísticas inspiradas no modo de vida indígena (Rosa; Rosa; Nassar, 2015).

Uma variação do turismo indígena, com uma abrangência maior, envolvendo questões educacionais relacionadas ao meio ambiente e conservação da biodiversidade é o ecoturismo. Segundo Campos (2005), ecoturismo indígena supera as práticas convencionais, pois apresenta características de conservação do meio ambiente e de cunho educacional, na medida em que o turista tem respeito pelo espaço visitado. O ecoturismo, tendo como foco o desenvolvimento sustentável, pode contribuir para a conservação da área de destino e para manutenção dos valores da comunidade local, considerando tanto a diversidade biológica quanto a qualidade de vida das populações visitadas (Nogueira, Ghedin, 2010, p.125).

## **6. AÇÕES DO TURISMO EM ÁREAS INDÍGENAS NO BRASIL**

A fim de analisar ações realizadas por outras etnias brasileiras em relação ao turismo em áreas indígenas, serão examinadas as experiências de turismo realizadas na Reserva Pataxó da Jaqueira, em Porto Seguro, Bahia; na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, localizada no estado do Amazonas; na Terra Indígena Jaquiri, Médio Solimões, também no estado do Amazonas;

do povo indígena Jenipapo-Kanindé do Ceará, e; de comunidades indígenas na região do Alto Rio Negro, Amazonas.

### **6.1. Reserva Pataxó da Jaqueira, em Porto Seguro, Bahia**

A Reserva Pataxó da Jaqueira está situada na Mata Atlântica, a cerca de 12 km do centro de Porto Seguro, no sul da Bahia. Esta reserva é habitada pelo povo Pataxó, um dos grupos indígenas mais conhecidos e tradicionais no Brasil. O povo Pataxó implementam várias ações para promover um turismo que valorize sua cultura e contribua para a sustentabilidade econômica e ambiental da comunidade (Cesar, 2011; Eves, 2012, 2016; Pataxó, 2018; Costa, 2020, p.42). A valorização do patrimônio cultural e afirmação da identidade Pataxó tem ocorrido através de atividades etnoturísticas como será apresentado a seguir:

- **Passeios Culturais e Ecológicos:** Guias Pataxó levam os visitantes por trilhas na mata, onde eles explicam a flora e a fauna locais, as plantas medicinais e suas utilizações, e as técnicas de caça e pesca tradicionais.
- **Apresentações Culturais:** Danças, cantos e rituais tradicionais são realizados para os visitantes, para mostrar como é a cultura Pataxó.
- **Workshops e Atividades Educativas:** Os Pataxó realizam workshops e atividades educativas sobre suas práticas tradicionais, como a produção de artesanato, técnicas de caça e pesca, e conhecimentos sobre plantas medicinais. Essas atividades permitem uma interação mais profunda entre os visitantes e a cultura Pataxó.

- **Experiências culinárias:** Os visitantes têm a oportunidade de experimentar a culinária tradicional Pataxó, feita com ingredientes locais e receitas passadas de geração em geração. A comida é preparada e servida pelos próprios membros da comunidade.
- **Educação Ambiental:** A comunidade promove a conscientização ambiental entre os visitantes, destacando a importância da preservação da floresta e da biodiversidade.

## **6.2. Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, Localizada no Estado do Amazonas**

Na Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável Tupé (RDS), o turismo tem sido realizado através de parcerias com hotéis e agências de turismo. Buscam melhorar a infraestrutura básica e criar novos produtos para os visitantes.

*Os representantes da comunidade pretendem dar ênfase à troca de experiências para aqueles que procuram “algo mais”. Associação Comunitária Indígena do Desenvolvimento Sustentável do Tupé pretende captar recursos de empresas que queiram associar seu nome a questão da responsabilidade socioambiental (Fortunato; Silva, 2011, p. 98).*

As ações implementadas em relação ao turismo na RDS do Tupé incluem:

- **Associação Comunitária Indígena (RDS) Tupé:** Essa associação do povo Tupé pretende captar recursos de empresas que queiram associar seu nome a questão da responsabilidade socioambiental.
- **Monitoramento e Pesquisa:** A RDS do Tupé é um local de interesse para pesquisas científicas. Instituições de ensino e pesquisa colaboram com a comunidade para monitorar a biodiversidade, estudar as dinâmicas ecológicas e desenvolver estratégias de conservação. Os resultados dessas pesquisas são usados para informar e melhorar as práticas de manejo da reserva (Fortunato; Silva, 2011).
- **Sustentabilidade e Uso dos Recursos Naturais:** Alguns moradores trabalham com pequenos roçados e cultivam principalmente macaxeira. O peixe e os recursos da floresta são capazes de garantir a sobrevivência da população, porém com muita precariedade, pois os hábitos de caça, pesca e roçado já não fazem parte do cotidiano da comunidade.
- **Educação Ambiental:** O povo Tupé promove programas de educação ambiental voltados para a comunidade local e visitantes. Estas ações incluem oficinas, palestras e atividades práticas que abordam temas como a importância da conservação da biodiversidade, técnicas de manejo sustentável e práticas de reciclagem de lixo.
- **Turismo Sustentável:** o turismo sustentável pode complementar essas fontes de subsistência, fornecendo uma renda adicional por meio da venda de artesanatos, guias turísticos e experiências culturais.

- **Parcerias e Colaborações:** Estabelecimento de parcerias com órgãos governamentais, ONGs, instituições de ensino e pesquisa para apoiar a execução do plano de visitação.

### **6.3. Terra Indígena Jaquiri, Médio Solimões, Estado do Amazonas**

A Terra Indígena Jaquiri, localizada na região do Médio Solimões, no estado do Amazonas, é uma área onde vivem comunidades indígenas que têm buscado desenvolver o turismo de forma sustentável e respeitosa com suas tradições e o meio ambiente (Rosa, 2020, p.389). As mulheres passaram a ter maior mobilidade social, possibilitando a elas criarem suas próprias sociabilidades, tornando-se elos reconhecidos no circuito de gestão e fomento da economia doméstica para ter sua própria renda (Rosa, Rosa, Nassar, 2008, p. 389).

As ações implementadas pelas comunidades indígenas Jaquiri na promoção do turismo incluem:

- **Turismo de Base Comunitária:** O povo Jaquiri pratica o Turismo de Base Comunitária (TBC) de várias maneiras, com foco na valorização de sua cultura e na preservação ambiental. Fizeram projeto Turismo Uika Omagua, evidenciando que suas expectativas e objetivos convergem para a melhoria da qualidade de vida. E também garantindo que os benefícios econômicos sejam distribuídos de maneira justa entre os membros.
- **Pintura corporal:** Os visitantes podem experimentar a pintura corporal com tintas naturais, aprendendo sobre os símbolos e desenhos usados pelos Pataxó e seus significados.

- **Intercâmbio Cultural:** A interação entre visitantes e membros da comunidade é incentivada, promovendo um intercâmbio cultural que beneficia tanto os turistas quanto os Jaquiri.
- **Medicina Tradicional:** A medicina tradicional, conhecimento ancestral sobre plantas medicinais, rituais e práticas de cura, é compartilhada mostra para os visitantes que maneira pode usar corretamente, e para que ser essas plantas.
- **Passeios de Canoagem:** Atividades em rios e lagos, permitindo aos visitantes explorar a natureza de maneira sustentável.
- **Hospedagem Comunitária:** Reserva indígena Pataxó da Bahia oferece a possibilidade de hospedagem em estruturas simples, onde os visitantes podem passar a noite e viver a rotina da comunidade, aprendendo mais sobre seu cotidiano.
- **Gastronomia Local:** Oferece refeições preparadas com ingredientes locais e receitas tradicionais do povo Jaquiri, proporcionando uma experiência que é realizada na comunidade ali, da culinária indígena do povo Jaquiri.
- **Pousada Uacari:** Está em iniciativa comunitária na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. É um exemplo de como uma pousada gerida pelo povo Jaquiri poderia funcionar. Tal empreendimento teria foco na sustentabilidade, preservação cultural, e envolvimento comunitário. Ainda em fase inicial.

#### **6.4. Comunidades Indígenas na Região do Alto Rio Negro, Amazonas**

Essas comunidades têm trabalhado na construção de um guia de ecoturismo indígena escrito nas línguas das etnias locais (Tukano, Baniwa, Nheengatu e Yanomami) todas estão situadas na região do Alto Rio Negro e áreas adjacentes, no estado do Amazonas. O conhecimento sobre o ecoturismo nas escolas indígenas, têm implementado diversas ações para desenvolver o turismo de maneira sustentável e respeitosa com suas tradições e o meio ambiente, esses povo pratica mesmo culturais, dança, canto, trilhas e caminhadas, típicas da comunidade (Faria, 2005). As ações que as comunidades Tukano, Baniwa, Nheengatu e Yanomami Pratica incluem:

- **Feiras de Artesanato:** Organizam feiras e exposições de artesanato, onde os visitantes podem adquirir produtos feitos pela comunidade, como cestos, cerâmicas, brincos, pulseiras, anéis e outros adornos.
- **Pico da Neblina:** É o ponto turístico que mais chama atenção dos turistas, e alguém da aldeia que tenha mais experiência leva os turistas para conhecer o Pico da Neblina.
- **Oficina Yaneretama:** A Oficina Yaneretama promove a capacitação e valorização dos saberes tradicionais indígenas do povo Tukano, Baniwa, Nheengatu e Yanomami. Nesse projeto costumam ser realizadas oficinas, cursos e atividades que promovem o conhecimento ancestral, como artesanato, culinária, práticas de agricultura sustentável, uso de plantas medicinais, entre outros (Faria, 2005). Essas oficinas também oferecem uma experiência enriquecedora para os turistas que visitam essas comunidades da região do Alto Rio Negro.

- **Trilhas e Caminhadas:** Guias indígenas conduzem os visitantes por trilhas na mata, onde compartilham conhecimentos sobre plantas medicinais, técnicas de caça e pesca, e a história da comunidade.
- **Experiências Autênticas:** Experiências autênticas no contexto dos Povos Tukana, Baniwa, Nheengatu e Yanomami, ensinando os visitantes sobre a cerimônia de cura conduzida por um pajé, sobre as plantas medicinais e os rituais de cura espiritual, de como essas são realizadas para o povo.
- **Artesanato e Produtos Locais:** Incentivar a compra de artesanato e produtos locais, que são uma importante fonte de renda para a comunidade.

### **6.5. Povo Indígena Jenipapo-kanindé, do Ceará**

Desde 2005, o povo Jenipapo-Kanindé tem preparado a comunidade para formar as trilhas; fazer panfletos [folder de divulgação]; também visita outras aldeias que já tenham experiências consolidadas de turismo comunitário, como ocorreu no ano 2000, em que vários jovens ficaram 15 quinze dias conhecendo a experiência de turismo dos Pataxó na Bahia, a fim de aprender com eles como é feito turismo indígena.

*O turismo comunitário na TI significou estimular a participação dos jovens e dos adultos dessa etnia, elaborar o referido projeto de turismo comunitário, levantamentos realizados os aspectos culturais diversidades de paisagens e com colaboração dos parceiros envolvidos junto com os indígenas, identificarem cinco trilhas ecológicas e potencialidades ambientais, culturais e econômicas da aldeia desenvolverem os roteiros turísticos integrados com a paisagem e a cultura do povo Jenipapo-Kanindé (Lustosa, 2015, p.111).*

O povo Jenipapo-Kanindé decidiu criar turismo comunitário na aldeia em que eles/as controlam as atividades realizadas, sendo distinto do modelo de turismo imposto por empreendedores, como turismo comunitário a população local possui o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento, sendo diretamente responsável pelo planejamento das atividades e pela gestão das infraestruturas e serviços turísticos (Santos, 2007, p.107).

Segundo a autora (Lustosa, 2015), há uma diversidade de potenciais no turismo comunitário da aldeia, incluindo, além das trilhas, o museu indígena, o artesanato, a escola diferenciada indígena entre outras coisas.

Resumindo, as principais ações para o turismo feitas pelo povo Jenipapo-Kanindé são:

- **Museu Indígena do povo Jenipapo-Kanindé:** A visita ao Museu Indígena, Neste Museu Indígena do povo Jenipapo-Kanindé visualizam-se os registros históricos referentes a TI Aldeia Lagoa Encantada, apresentados nos textos, imagens e objetos expostos, um monitor indígena que acompanha os visitantes completa as explicações e assim funciona o Museu.
- **Trilha:** Cinco trilhas guiadas pelos monitores indígenas abrangem diferentes circuitos, conforme as necessidades de diversos públicos, e possuem maiores e menores graus de dificuldades para serem percorridas, obedecendo a condição de horário agendado com o monitor indígena, pagamento pelos serviços solicitados.
- **Passeios Culturais e Ecoturismo:** O povo Jenipapo-Kanindé, desenvolveu práticas de passeios culturais e ecoturismo como forma de valorizar e compartilhar sua cultura, além de gerar renda sustentável para a comunidade.
- **Pousada Jenipapo-Kanindé:** Por meio de hospedagem para proporcionar a estadia dos visitantes na TI e o contato com os indígenas daquele local.

## **7. EXPERIÊNCIAS E APLICAÇÕES À REALIDADE DA ASSOCIAÇÃO WAGÔH PAKOB**

A partir das experiências de turismo em áreas indígenas de outras localidades do Brasil, são assinaladas quais dessas ações poderiam ser aplicadas pela associação *Wagôh Pakob*, da aldeia Paiter, de linha 09, em Cacoal, RO. Em seguida, serão analisadas essas ações de acordo com a realidade local.



<p>Terra indígena Jaquiri, Médio Solimões, estado do Amazonas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Turismo de Base Comunitária;</li> <li>• Pintura corporal;</li> <li>• Intercâmbio Cultural;</li> <li>• Medicina Tradicional;</li> <li>• Passeios de Canoagem;</li> <li>• Hospedagem Comunitária;</li> <li>• Gastronomia Local;</li> <li>• Pousada Uacari.</li> </ul>	<p>Sim Sim Sim Sim Sim Sim Sim Sim</p>
<p>Comunidades indígenas na região do Alto Rio Negro, Amazonas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Feiras de Artesanato;</li> <li>• Pico da Neblina;</li> <li>• Oficina Yaneretama;</li> <li>• Trilhas e Caminhadas;</li> <li>• Experiências Autênticas (rituais de cura, cerimônias);</li> <li>• Artesanato e Produtos Locais.</li> </ul>	<p>Sim Não Sim Sim Sim Sim</p>
<p>Povo indígena Jenipapo-Kanindé do Ceará</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Museu Indígena do povo Jenipapo-Kanindé;</li> <li>• Trilha;</li> </ul>	<p>Sim Sim Sim Sim</p>

	<ul style="list-style-type: none"><li>• Passeios Culturais e Ecoturismo;</li><li>• Pousada Jenipapo-Kanindé.</li></ul>	
--	--	--

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de Rosa; Rosa e Nassar (2020); Fortunato e Silva (2011); Faria (2007); Costa e Bispo (2022); Lustosa (2015).

A análise comparativa das experiências de turismo desenvolvidas em diferentes territórios indígenas brasileiros permite identificar não apenas um repertório diversificado de práticas, mas também princípios estruturantes que orientam iniciativas bem-sucedidas, tais como o protagonismo comunitário, a valorização dos saberes tradicionais, a sustentabilidade socioambiental e a articulação com redes institucionais. Esses elementos constituem referenciais importantes para pensar a ampliação e o fortalecimento das ações já desenvolvidas pela Associação *Wagôh Pakob*.

Conforme sistematizado no quadro apresentado, observa-se que a maioria das ações identificadas nas experiências analisadas apresenta potencial de aplicabilidade no contexto da associação, ainda que demandem processos de adaptação às especificidades socioculturais, territoriais e organizacionais do povo Paiter Suruí. Essa constatação reforça a ideia de que o turismo indígena não se configura como um modelo homogêneo a ser replicado, mas como um campo de práticas que deve ser reinterpretado localmente, a partir das dinâmicas próprias de cada comunidade.

Entre as práticas com maior potencial de incorporação, destacam-se as atividades de caráter educativo e interpretativo, como trilhas guiadas, oficinas de artesanato e ações de educação ambiental. Essas iniciativas, amplamente desenvolvidas por povos como os Pataxó e as comunidades do Alto Rio Negro, evidenciam a centralidade do turismo como espaço de mediação intercultural, no qual os saberes tradicionais são compartilhados de forma contextualizada e pedagógica. No caso da Associação *Wagôh Pakob*, tais atividades já se encontram parcialmente estruturadas, podendo ser ampliadas e sistematizadas como parte de um roteiro turístico mais integrado.

Outro aspecto relevante refere-se à diversificação das experiências ofertadas aos visitantes, incluindo práticas como gastronomia tradicional, intercâmbio cultural e vivências comunitárias. Essas ações contribuem para uma imersão mais profunda na cultura indígena e ampliam o tempo de permanência dos visitantes, potencializando a geração de renda. No contexto da associação, a valorização de elementos culturais como a produção da chicha e a narrativa de histórias do povo Paiter pode desempenhar papel estratégico na construção de experiências turísticas autênticas.

Por outro lado, a análise também evidencia limites importantes à transposição de determinadas práticas. Experiências relacionadas a rituais de cura e à atuação de lideranças espirituais, por exemplo, mostram-se restritas no contexto da aldeia da linha 09, em razão de transformações socioculturais decorrentes do contato histórico com a sociedade não indígena. Esse aspecto revela que o turismo indígena deve ser conduzido com cautela, evitando processos de artificialização cultural ou de recriação de práticas que não fazem mais parte do cotidiano da comunidade.

Adicionalmente, destaca-se a importância das estratégias de gestão e governança do turismo. Experiências como a da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé e do povo Jenipapo-Kanindé demonstram que a consolidação do turismo indígena está diretamente associada à existência de planejamento estruturado, formalização de planos de visitação e estabelecimento de parcerias com instituições públicas e privadas. Nesse sentido, a ausência ou fragilidade desses elementos na Associação *Wagôh Pakob* constitui um dos principais entraves para a ampliação de suas atividades.

O avanço das ações de turismo na Associação *Wagôh Pakob* depende não apenas da incorporação de novas práticas, mas, sobretudo, do fortalecimento de capacidades institucionais, organizacionais e técnicas. A elaboração de um plano de visitação, em conformidade com a normativa vigente, bem como a construção de parcerias estratégicas com universidades, órgãos governamentais e organizações da sociedade civil, apresentam-se como caminhos fundamentais para viabilizar a implementação das ações identificadas.

Assim, a análise comparativa realizada não apenas evidencia possibilidades de ampliação das práticas turísticas, mas também contribui para uma reflexão crítica sobre os limites e desafios envolvidos nesse processo, reafirmando o turismo indígena como um campo de disputas, negociações e construções coletivas, que deve estar sempre orientado pelo respeito à autonomia, à cultura e aos modos de vida das comunidades indígenas.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo permitiu compreender o turismo indígena como uma prática que ultrapassa a dimensão econômica, configurando-se como estratégia de valorização cultural, fortalecimento identitário e inovação sociocultural. A partir da análise comparativa de experiências desenvolvidas em diferentes territórios indígenas no Brasil, evidenciou-se que há um conjunto significativo de ações que podem ser adaptadas à realidade da Associação *Wagôh Pakob*, respeitando suas especificidades culturais, territoriais e históricas.

As práticas observadas, como trilhas interpretativas, oficinas de saberes tradicionais, experiências gastronômicas, atividades educativas e iniciativas de turismo de base comunitária, demonstram potencial não apenas para a geração de renda, mas também para a promoção de processos educativos interculturais e para a preservação dos conhecimentos ancestrais do povo Paiter Suruí. Nesse sentido, o turismo indígena, quando conduzido de forma autônoma e orientado por princípios de sustentabilidade e protagonismo comunitário, constitui-se como um importante instrumento de desenvolvimento local.

Entretanto, o estudo também evidenciou desafios estruturais que limitam a consolidação dessas iniciativas, especialmente no que se refere à capacitação técnica para elaboração de projetos, à formalização de planos de visitação conforme a normativa vigente e à articulação com parceiros institucionais. Tais entraves indicam a necessidade de investimentos em formação, fortalecimento organizacional e ampliação de redes de colaboração com órgãos públicos, instituições de pesquisa e organizações da sociedade civil.

Dessa forma, conclui-se que a Associação *Wagôh Pakob* dispõe de um amplo potencial para o desenvolvimento do turismo indígena,

desde que sejam consideradas estratégias que conciliem inovação e tradição, assegurando a autonomia comunitária e a proteção dos saberes culturais. Por fim, recomenda-se que pesquisas futuras avancem para abordagens empíricas, especialmente por meio de escuta direta dos membros da comunidade, a fim de aprofundar a compreensão sobre as expectativas, percepções e limites da implementação dessas práticas no contexto local.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Instrução Normativa 03/2015 que estabelece normas e diretrizes relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas.** Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/cgetno/pdf/in-032015.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

FARIA, Ivani F. **Ecoturismo Indígena Território, Sustentabilidade, Multiculturalismo: tese princípios para a autonomia**, 2007, Tese (Doutorado em Geografia) Instituto de Filosofia Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-17022011-095412/publico/2007\\_IvaniFerreiradeFaria.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-17022011-095412/publico/2007_IvaniFerreiradeFaria.pdf). Acesso em: 19 de jul. 2024.

FORTUNATO, Rafael A.; SILVA, Lucas S. Os significados do turismo comunitário indígena sob a perspectiva do desenvolvimento local: o caso da reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé (AM). **Cultur**, ano 5, nº 02, ago., 2011.

ISA (2014) Povos Indígenas no Brasil - Suruí Paiter | Acervo | ISA. **Instituto Socioambiental**. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL ISA (2014). **Povos Indígenas no Brasil** – Suruí Paiter, 2014. Disponível em:

[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Surui\\_Paiter](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Surui_Paiter). Acesso em: 01 mar. 2024.

LUSTOSA, Isis M.C. **AGÁLIA , REVISTA DE ESTUDOS NA CULTURA.** Turismo em Terras Indígenas (2015). Disponível em: <https://agalia.net/Agalia/Turismo-em-Terras-Indigenas-2015.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

MARETTO, Luis C.; SURUÍ, Almir N.; SILVA, Adnilson A. Ritual Mapimaí: A Festa de Criação do Mundo dos Paiter Suruí. **Ateliê Geográfico.** Goiânia-GO, v. 9, n. 1, p.163-182, abr/2015.

MAURO, Victor Ferri. **Turismo em Terra Indígena:** o caso da reserva Pataxó da Jaqueira/Victor Ferri Mauro. Brasília, 2007. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/259/1/2007\\_VictorFerriMauro.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/259/1/2007_VictorFerriMauro.pdf). Acesso em: 11 mar. 2024.

MELLO NETO, R. C. S., TOPPINO, Marcela A. Enoturismo como meio de promoção do desenvolvimento sustentável e valorização da cultura dos povos tradicionais da Amazônia brasileira. **Revista de Direito Ambiental e Socioambientalismo.** Goiânia, v. 5, n. 1, p. 72 - 86, Jan/Jun. 2019. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/Socioambientalismo/article/view/5563/pdf>. Acesso em: 25 nov. 2023.

METAREILÁ. **Modelo de organização social do Povo Paiter Suruí.** Disponível em: <https://www.paiter-surui.com/about-9>. Acesso em: 24 jul. 2024.

NOGUEIRA, Elizabete M. et al. Enoturismo e etnologia: possibilidades para o desenvolvimento sustentável em comunidades indígenas. **Revista Brasileira de Ecoturismo** (RBEcotur), v. 6, n. 4,

2013. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=etnoturismo+ind%C3%ADgena&oq=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=etnoturismo+ind%C3%ADgena&oq=).

Acesso em: 23 fev. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 01 mar. 2024.

PROENÇA, Ana R. G. B.; PANOSSO NETTO, Alexandre. Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança “Pisasú Sarusawa” (Rio Cuieiras - Amazonas). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. 16, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/3QDh483pCV8R4ZxtQZHHXzw/#>.

Acesso em: 11 mar. 2024.

ROSA, Patricia C.; ROSA, Lana M. V.; NASSAR, Pedro M. Turismo Indígena, Protagonismo e Desenvolvimento Local: experiência na terra indígena Jaquiri, Médio Solimões, AM. **Revista Turismo em análise**. v. 31, n. 2, p. 381-399, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/170622/168238>. Acesso em: 11 mar. 2024.

WAGÔH PAKOB, 2015. **Centro Cultural Wagôh Pakob**. Cacoal, RO. Disponível em: <https://wagohpakobcc.wixsite.com/centroculturalpaiteir/projetos>.

Acesso em: 17 nov. 2023.